

Técnicas de Escavação Terrestre

Tiago Tomé*

RESUMO

Considerando a escavação arqueológica como uma experiência de cariz científico (apesar do papel especial que esta ocupa como tal), é de vital importância que nos debruçemos sobre a sua historiografia, como forma de apreender a evolução da noção que os arqueólogos têm feito da escavação. É essa compreensão que nos permitirá observar a própria evolução da forma como o Homem se insere no seu meio e a forma como percebe esse mesmo meio.

Por outro lado, observando a evolução desta componente essencial do corpus técnico- prático da Arqueologia, registamos os paralelos verificados com a evolução do corpus teórico da mesma; à ênfase cronológica positivista, correspondem as metodologias privilegiando os aspectos temporais e seriacionais; posteriormente, com os paradigmas emergentes na segunda metade do século XX (como o processualismo) a enfatizarem aspectos até então ignorados, como a compreensão de relações infraestacionárias, observa-se o correspondente nascimento de metodologias que enfatizam aspectos espaciais.

ABSTRACT

When you think of the archaeological excavation in terms of a scientific experiment (in spite of being one), it becomes extremely important that we take some time to examine its own history, as a way of understanding the evolution of the notion archaeologists have made of excavation. It is this comprehension that allows us to observe the evolution of how man fits himself in his surrounding environment and how he understands that same environment.

On the other hand, by observing the evolution this essential component of Archaeology's technical-practical corpus has suffered, it is possible to register the parallels to the evolution of it's own theoretical corpus; corresponding to the positivist chronological emphasis, we find methodologies privileging temporal and seriatinal aspects; later, with the emerging paradigms of the late twentieth century (such as processualist postulates) emphasizing hitherto ignored aspects, such as the understanding of infrastational relations, the corresponding birth of methodologies emphasizing spacial aspects is observed.

Keywords: Excavation
scientific experiment
Nabodinus
dilletanti
Fiorelli
Tanishev
chronologies
Pitt-Rivers
Wheeler
square-grid
baulks
Barker
open-area
horizontal integrity

Palavras-chave: Escavação
experiência científica
Nabodinus
dilletanti
Fiorelli
Tanishev
cronologias
Pitt-Rivers
Wheeler
quadrícula
bermas
Barker
open-area
integridade horizontal

* Aluno do 4º ano da Licenciatura Bietápica em Arqueologia da Paisagem do Departamento de Gestão do Território do Instituto Politécnico de Tomar

Técnicas de Escavação Terrestre

ÍNDICE

Introdução

Tesouros do subsolo – a escavação como um acto inerente ao ser humano

Estabelecimento da Arqueologia como disciplina científica e consequente desenvolvimento das técnicas de escavação

A resposta no campo técnico - prático às necessidades teóricas de inícios de séc. XX – o método Wheeler

Novos desafios, novas técnicas - o paradigma processualista e o método open-area

Considerações finais

Imagens

Bibliografia

INTRODUÇÃO

A escavação faz parte do imaginário colectivo do público em geral, como função essencial e única de todos aqueles que fazem da Arqueologia a sua vida (Pelletier, 1985, 61). De facto, se questionarmos uma plateia constituída por leigos nessa matéria acerca daquilo que entendem por Arqueologia, certamente que a maioria responderá que esta consiste na escavação de locais, por forma a recuperar objectos do passado.

No entanto, há muito que a escavação deixou de ser apenas a recuperação de objectos¹ e também longe vai o tempo em que esta era o principal meio de obtenção de dados no estudo arqueológico.

Mas não pensemos por estes factos que a escavação se torna menos importante. Na construção do conhecimento arqueológico, esta ocupa ainda um lugar de destaque. Para além disso, a escavação é, por natureza, o palco privilegiado à verdadeira realização de uma característica inerente à própria Arqueologia: a interdisciplinaridade. É, por isso, um momento decisivo na investigação arqueológica (Schnapp, 1980, 25).

Pondo de parte por momentos debates epistemológicos acerca do verdadeiro lugar da Arqueologia, podemos, ainda assim, considerar que, pelo menos uma grande parte dos estudos por ela efectuados se baseia em vestígios materiais. Como tal, no conjunto das técnicas utilizadas na recuperação desses mesmos vestígios - verdadeiras cápsulas do tempo que temos o privilégio de por vezes encontrar e abrir - devemos encarar a escavação. Pela sua importância histórica e pela evolução que o conceito da mesma sofreu (evolução essa que parece ser paralela à da própria Arqueologia), vemo-nos na contingência de nos debruçarmos mais atentamente sobre ela, tanto numa perspectiva conceptual, como histórica e metodológica.

Verificando o paralelismo entre as componentes teórica e técnico-prática em Arqueologia, constata-se a própria evolução da inserção do Homem no seu meio (e respectiva consciência que este detém da mesma). Esta evolui de um estado não-científico para um outro, em que o método científico impõe as suas normas ao pensamento humano nesta disciplina. Dentro deste período científico, a relação do Homem com a sua envolvente parece continuar a ocupar um lugar de destaque no desenvolvimento das metodologias de trabalho, parecendo esta relação desenvolver-se ao longo de dois eixos dimensionais, um de cariz temporal e o outro, espacial (Renfrew e Bahn, 1996, 90).

Como experiência científica, a escavação deve ser encarada com o máximo de cuidado bem como de rigor. No entanto, como Barker tão bem frisa, a escavação arqueológica ocupa um lugar particular nas experiências científicas, pois as teorias propostas não podem ser verificadas através da realização de uma segunda experiência nas mesmas condições (Barker, 1982, 37).

¹ A visão materialista do objectivo da escavação arqueológica só começou a ser derrubada por Sir Mortimer Wheeler, quando este afirma (na que se viria a tornar numa das mais famosas e mais comumente citadas frases em Arqueologia) "The archaeological excavator is not digging up things but people" (Frédéric, 1980, 11). Presentemente, a escavação é encarada como a exumação sistemática dos depósitos arqueológicos estratificados que se encontram total ou parcialmente enterrados, sendo, assim, o procedimento fundamental de recuperação de testemunhos materiais do passado (Lloret, 1997, 151).

Técnicas de Escavação Terrestre

TESOUROS DO SUBSOLO – A ESCAVAÇÃO COMO UM ACTO INERENTE AO SER HUMANO

Olhando para os primórdios da Arqueologia, podemos verificar que a realização do acto de escavar como uma forma de recuperação de objectos do passado parece ser uma actividade inerente ao ser humano (Lloret, 1997, 151).

As primeiras actividades deste âmbito parecem ter tido lugar na Babilónia, no século VI a.C., durante o reinado de Nabodinus (entre 555 e 539 a.C.), que terá escavado o pavimento de um templo, com vista a encontrar uma fundação em pedra, aí colocada 2200 anos antes (Bahn, 1997, 22; Renfrew e Bahn, 1996, 18). Ao longo do tempo, registam-se diversas intervenções que marcam a evolução da Arqueologia. De um modo geral, estas relacionam-se com a ideia de recuperação de tesouros (quer estes fossem artísticos ou de um valor mais mundano). No contexto renascentista, formam-se os chamados “gabinetes de curiosidades”, patrocinados por homens influentes, como príncipes e burgueses de maior riqueza, reunindo objectos arqueológicos com objectos naturais (Renfrew e Bahn, 1996, 18; Bahn, 1997, 23; Almagro, 1980, 180). Obviamente que estas recolhas se faziam sem qualquer preocupação de contextualização dos objectos e, conseqüentemente, sem qualquer género de metodologia particular aplicada. Vive-se então, o período das “reliquias e monumentos” (Binford, 1983, 102).

No século XVIII, as atenções dos estudiosos destas matérias vêm-se atraídas pela descoberta de Pompeia e Herculano, soterradas desde 79 d.C. por uma erupção do Vesúvio. Tanto o príncipe de Elboeuf como os reis de Nápoles se interessaram pelas descobertas, patrocinando as escavações no local (Renfrew e Bahn, 1996, 20; Frédéric, 1980, 30). Mais uma vez, verifica-se que o interesse é apenas a recolha de objectos de arte. As escavações em Pompeia apenas atingem um cariz mais rigoroso em 1860 (Renfrew e Bahn, 1996, 20), como veremos adiante.

Apesar deste panorama algo desolador, algumas personalidades já começavam a vislumbrar o futuro, começando a realizar trabalhos com algum fundo científico. Em 1739, o russo Tanishev redige Instruções para as escavações e Lomonosov, 1763, após escavar um grande número de túmulos citas, escreve História da Rússia antiga (Frédéric, 1980, 31). Nos antípodas, em 1784, Thomas Jefferson organiza a primeira escavação científica na história da Arqueologia² (Renfrew e Bahn, 1996, 19). Com a descoberta sucessiva de mamoaas na zona do Mississipi, a crença generalizada na primitividade das culturas indígenas é desafiada (Trigger, 1989, 104). Assim, Jefferson promove uma escavação na sua propriedade na Virgínia, tentando determinar qual a origem de tais mamoaas (Renfrew e Bahn, 1996, 19). Escava uma trincheira através de um morro funerário, conseguindo observar sucessivas fases de utilização (Renfrew e Bahn, 1996, 19). No entanto, Jefferson será uma excepção, pois o cuidado que coloca no seu trabalho não será seguido pelos seus contemporâneos.

ESTABELECIMENTO DA ARQUEOLOGIA COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA E CONSEQUENTE DESENVOLVIMENTO DAS TÉCNICAS DE ESCAVAÇÃO

Em meados do século XIX, a Arqueologia estabelece-se como uma disciplina científica³, muito por influência do desenvolvimento da própria Geologia, devido ao trabalho desenvolvido por Hutton⁴, ao estabelecer o princípio do uniformismo e, mais tarde, por Lyell⁵ (Renfrew e Bahn, 1996, 22; Trigger, 1989, pp. 92-94). É também com a obra de Lyell que se estabelecem os princípios da estratigrafia, que virão a permitir o reconhecimento

² Sensivelmente contemporâneas (1805) serão as escavações dirigidas por Colt Hoare e William Cunnington, a Norte de Stonehenge (Renfrew e Bahn, 1996, 19).

³ Não nos esqueçamos, no entanto, das pilhagens que franceses (dirigidos por Paul Botta) e ingleses (dirigidos por Austen Henry Layard) levaram a cabo nos anos 40 do século XIX na Mesopotâmia, com base numa mera competição, tentando determinar qual dos lados conseguiria recolher o maior número de obras de arte (Renfrew e Bahn, 1996, 28).

⁴ *Theory of the Earth*, 1785.

⁵ *Principles of Geology*, 1833.

Técnicas de Escavação Terrestre

da antiguidade da Humanidade, através do estudo de Boucher de Perthes, através da associação estratigráfica de instrumentos humanos com ossos de animais extintos (Lloret, 1997, 41). No entanto, durante algum tempo ainda, a estratigrafia, em termos arqueológicos, seria encarada como uma construção teórica, definida pelo conteúdo dos estratos e não através da disposição física da estratificação. Desta forma, as escavações eram feitas por estratos artificiais (de espessura arbitrária previamente estabelecida), elaborando-se depois a estratigrafia, de acordo com as percentagens de material de cada camada e a sua profundidade (Lloret, 1997, 152).

Quanto a Pompeia, após anos de escavação relativamente arbitrária, em 1860 é chegado o momento de Giuseppe Fiorelli ser colocado à frente dos destinos dos trabalhos. É a partir deste momento que as escavações em Pompeia atingem um bom nível de registo (Renfrew e Bahn, 1996, 20).

Nas décadas de 70 e 80, Schliemann desenvolve escavações em Hissarlik, na Turquia, encontrando a cidade de Tróia. Para além de Tróia, Schliemann também descobre a civilização micénica. No entanto, e apesar dos avanços da Arqueologia ao seu tempo, os métodos de Schliemann são considerados como pouco rigorosos, arbitrários, até (Renfrew e Bahn, 1996, 28).

Caberá aos arqueólogos na passagem do século XIX para o século XX estabelecer os primeiros parâmetros para uma escavação com grande qualidade de registo, homens como o general Pitt-Rivers, ou Sir Flinders Petrie (Renfrew e Bahn, 1996, 28). Serão estes homens que estabelecerão escavações meticulosas, com registos exaustivos e cuidados de tudo aquilo que encontravam. Pitt-Rivers (1827–1900), general do exército britânico, desenvolveu escavações lentas e meticulosas, inspiradas no rigor militar da sua formação, nas suas propriedades no sul de Inglaterra (Trigger, 1989, 197).

Já Sir Flinders Petrie, apesar de posterior a Rivers (1853-1942), desenvolveu trabalhos, particularmente no Médio Oriente, em que registava plantas das suas escavações, bem como a localização dos principais achados, não registando, de um modo geral, secções estratigráficas (Trigger, 1989, 197).

Como verificamos até este momento, o trabalho de campo em Arqueologia vem-se desenvolvendo no sentido de dotar a experiência arqueológica de um maior rigor no registo das ocorrências observadas. Considerando que, até finais da década de 60 do século XX, a única forma de fazer Arqueologia consistia na Arqueologia histórico-culturalista (Alarcão, 1996, 9), logicamente que o trabalho de campo desenvolvido até então reflecte o paradigma vigente à época. Assim, verificamos que a preocupação no registo de sequências estratigráficas, paralelizável com a tentativa de estabelecimento de sequências de mudança cultural no registo arqueológico, atribuídas à difusão de ideias entre diferentes grupos, ou à migração dos mesmos (Trigger, 1989, 154), será uma constante no trabalho de campo efectuado. Por outro lado, não podemos esquecer o impulso dado aos estudos arqueológicos e antropológicos no século XIX, com o derrubar dos limites temporais bíblicos à existência do Homem⁶, como um factor catalisador das atenções no factor temporal e cronológico do registo arqueológico, de que as referidas sequências estratigráficas são testemunho físico.

A RESPOSTA NO CAMPO TECNICO-PRÁTICO ÀS NECESSIDADES TEÓRICAS DE INÍCIOS DO SÉC. XX – O MÉTODO WHEELER

Apesar do rigor pretendido por estes homens, faltava ainda o estabelecimento de uma metodologia que regularizasse os trabalhos arqueológicos, um método que pudesse servir de guia a arqueólogos e se impusesse de forma quase universal. É isto que vai permitir o método instituído por Sir Mortimer Wheeler nos anos 30⁷, o estabelecimento das bases para uma moderna Arqueologia (Lloret, 1997, 154). Apesar de colher directamente dos seus antecessores influências metodológicas, cabe a Wheeler o mérito de ter sistematizado, aperfeiçoado e executado o seu método (Raposo, 1996, 77).

⁶ Neste aspecto, vale a pena relembrar a exactidão com que Usseter Lighfoot, vice-reitor da Universidade de Cambridge, indicou, no século XVII, a data da aparição do Homem na Terra: 23 de Outubro de 4004 a.C., à 9 da manhã (Raposo, 1996, 202)

⁷ Método que o mesmo viria a enunciar na sua famosa obra, "Archaeology from the Earth", de 1954.

Técnicas de Escavação Terrestre

O método Wheeler (como viria a ficar conhecido), estabeleceu aquilo que se viria a tornar na imagem de marca da Arqueologia moderna: a quadriculagem do terreno de escavação. De facto, este método baseia-se numa quadrícula, de 5x5 m⁸, sendo que a área escavada na realidade se limitava a 4x4 m, deixando-se de cada lado dos quadrados uma berma de 50 cm (somando os quadrados contíguos, obtinha-se uma berma total de 1 m de lado). Estas bermas não seriam escavadas, persistindo como testemunhos da estratigrafia verificada na estação arqueológica (Frédéric, 1980, 172-175; Lloret, 1997, 154; Pelletier, 1985, 67). A existência destas bermas apresenta vantagens práticas óbvias, ao permitir um fácil acesso a todos os pontos da escavação e a passagem de carros-de-mão, por exemplo (Frédéric, 1980, 175), uma economia de tempo e esforço, pois uma relativamente grande área permaneceria por escavar e também o facto de cada berma apresentar toda a sequência estratigráfica em toda a sua extensão (Pelletier, 1985, 67). No entanto, ao nível da interpretação, estas mesmas bermas apresentam inconvenientes, pois representam interrupções artificiais na continuidade do registo arqueológico. Dificultam a visualização de estruturas horizontais (podendo esconder a totalidade de certas estruturas), a observação das camadas estratigráficas individualmente e também podem impedir a correcta definição das mesmas, pois sabe-se que a estratigrafia raramente se encontra numa disposição lógica, verificando-se frequentemente a existência de irregularidades na mesma⁹ (Pelletier, 1985, 67-68).

NOVOS DESAFIOS, NOVAS TÉCNICAS – O PARADIGMA PROCESSUALISTA E O MÉTODO OPEN-AREA

Com o advento do paradigma processualista, surgem novas perspectivas na Arqueologia, que levam, necessariamente, ao estabelecimento de novos pontos de vista, novas metas, em última análise, novos métodos para a obtenção de dados. Visto que a chamada Nova Arqueologia coloca o Homem num meio físico e social, considerando a tecnologia como um meio de adaptação a esse mesmo meio físico (Alarcão, 1996, 11), torna-se necessária uma maior compreensão desse mesmo meio, ou seja, os horizontes têm necessidade de se expandirem lateralmente. Uma das grandes questões a que os arqueólogos procuram então dar resposta é a de saber como organizava o seu espaço vital o Homem no passado, ou seja, reconstituir as actividades que tiveram lugar nas estações (Binford, 1983, 179). Para compreender estas inter-relações infraestacionárias, torna-se necessário estabelecer uma metodologia que privilegie o registo horizontal e não o vertical, como acontecia com o método Wheeler. Tal verificar-se-á com o método instituído por Philip Barker, ou seja, o método open-area, observando-se aqui a preocupação com a documentação horizontal (Lloret, 1997, 156), influenciada pelas visões espaciais e de compreensão da utilização do espaço pelo Homem.

Assim, nos anos setenta Barker¹⁰ apresenta uma nova visão sobre os problemas metodológicos encontrados, mais adequada aos novos problemas colocados pela Arqueologia. Percebeu que a existência das bermas, pressupostas pelo método Wheeler, levantava problemas à correcta percepção do registo horizontal da escavação (Lloret, 1997, 154). Considerava que “toda a escavação devia aspirar à condição de escavação total” (Barker, 1982, 68), tendo esta ideia dois significados complementares: primeiro, que toda a estação arqueológica deveria ser escavada, não recorrendo a secções ou trincheiras de amostragem (Barker, 1982, 54); segundo, que toda a área da estação deveria ser escavada, ou seja, que não deveriam ser deixadas interrupções físicas no interior da área escavada, pois, regra geral, “um sítio arqueológico é provavelmente três vezes mais complexo em plano do que parece ser em secção” (Lloret, 1997, 154; Barker, 1982, 52). Nascia, assim, o método *open-area*, baseado na suposição da escavação de amplas superfícies de terreno (Lloret, 1997, 154).

É óbvio que esta nova estratégia de escavação dá origem a uma nova percepção da estratigrafia; os testemunhos estratigráficos deixam de ser elementos incluídos no interior da área escavada, como acontecia

⁸ Ver imagem 1.

⁹ Ver imagens 2a e 2b.

¹⁰ Barker é normalmente associado aos trabalhos de Harris e Carandini. No entanto, estes últimos não desenvolveram uma metodologia de escavação, mas sim um sistema de registo (Lloret, 1997, 153).

Técnicas de Escavação Terrestre

com as bermas do método Wheeler, passando a estratigrafia a ser representada cumulativamente, através da representação gráfica dos interfaces dos diferentes estratos (Lloret, 1997, 156). Para além disso, a reconstituição estratigráfica torna-se mais rigorosa, pois o método Wheeler era muitas vezes, erradamente, associado a um processo arbitrário de escavação, no qual se observa a extracção de terra em níveis artificiais de espessura predeterminada (Lloret, 1997, 154).

Este método pretende, antes de mais, ter em conta cada camada ou sequência estratigráfica na sua integridade horizontal (Pelletier, 1985, 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando os vários passos por que passou a evolução da metodologia aplicada nas escavações arqueológicas, parece tornar-se óbvio que esta acompanhou a evolução teórica da própria disciplina, não sem algum atraso, apesar de tudo. De facto, as grandes inovações metodológicas neste campo do *corpus* técnico-prático da Arqueologia justificam-se pelos avanços registados no *corpus* teórico da mesma, não obstante registarem, regra geral, um hiato temporal relativamente a estes.

Assim, se nos debruçarmos sobre o trabalho arqueológico desenvolvido até ao séc. XVIII (salvo raras excepções), verificamos a inexistência de uma metodologia aplicada na recuperação dos objectos e estruturas¹¹. É uma recuperação de vestígios desprovida de adequada contextualização, de pendor contemplativo, paralelizável ao movimento de formação dos gabinetes de curiosidades, ao fenómeno do antiquariato, como tantas vezes foi denominada esta época na Arqueologia (Trigger, 1989, pp 45-52; Fabião, 1989, pp 11-12; Renfrew e Bahn, 1996, 18).

Com o séc. XIX e a sua tendência para a ordenação e coordenação da realidade, estabelecem-se os princípios de uma Arqueologia de cariz científico, assente em leis e princípios que a Geologia lhe transmite, principalmente o da Estratigrafia (Lloret, 1997, 41). Com a preocupação centrada na definição de cronologias e seriações culturais (Trigger, 1989, pp. 155-157), faltava à Arqueologia um método que permitisse a reconstrução, da forma mais rigorosa possível, dessas evoluções que o registo estratigráfico mostrava. É essa lacuna que o método Wheeler virá a suprir, já em pleno séc. XX, reflectindo a relação do Homem com a compreensão do seu passado remoto ao longo de um eixo temporal.

As transformações que a Arqueologia virá a sofrer na segunda metade do séc. XX, com vários paradigmas a nascerem, marcará nova evolução das metodologias de escavação. A ênfase que estes novos paradigmas colocam na compreensão da envolvente espacial (quer física, quer socialmente), em particular a Nova Arqueologia (Alarcão, 1996, pp. 11-14), provoca a necessidade de um método de escavação que permita mais facilmente, não a reconstrução das mudanças culturais, mas, particularmente, a percepção dos fenómenos que têm lugar contemporaneamente e das relações entre os diversos componentes de uma dada área de ocupação. É isto que virá a ser proporcionado pelo método *open-area*.

¹¹ Note-se que se deve falar, neste período de tempo, em recuperação de objectos, visto encontrarmo-nos ainda na fase prévia ao estabelecimento de um *corpus* teórico consistente e também à afirmação de Wheeler, já referida acima.

Técnicas de Escavação Terrestre

IMAGENS

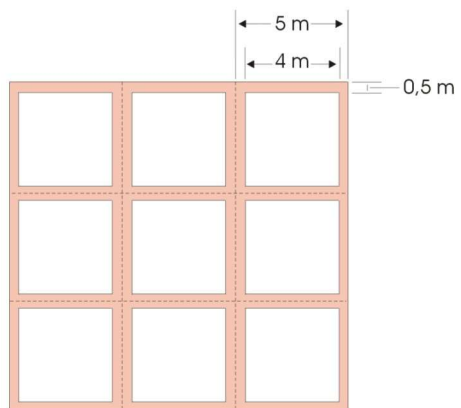
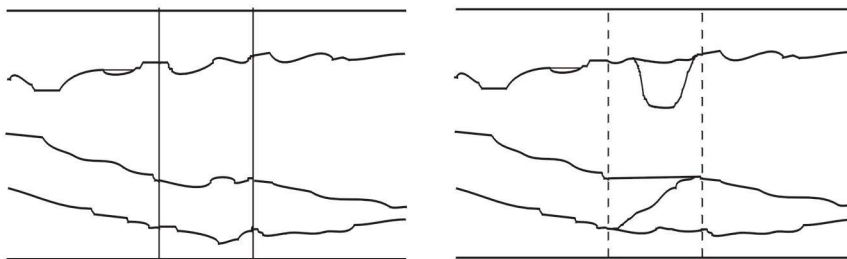


Imagem 1: Esquema de planificação de uma escavação segundo o método Wheeler.



Imagens 2a e 2b: inconvenientes levantados pelo método Wheeler na correcta definição de uma sequência estratigráfica.

Técnicas de Escavação Terrestre

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge, Para Uma Conciliação Das Arqueologias, Edições Afrontamento, Porto, 1996

ALMAGRO, Martin, Introduccion al Estudio de la Prehistoria y de la Arqueologia de Campo, Ed. Labor, Barcelona, 1980

BAHN, Paul, Arqueologia – Uma Breve Introdução, Gradiva, Lisboa, 1997

BARKER, Philip, Techniques of Archaeological Excavation, Batsford, Londres, 2ª edição, 1982

BINFORD, Lewis, Em Busca do Passado, Publicações Europa-América, Lisboa, 1983

FABIÃO, Carlos, Para a História da Arqueologia em Portugal, Penélope, nº 2, Editora Quetzal, Lisboa, 1989

FRÉDÉRIC, Louis, Manual Prático de Arqueologia, Livraria Almedina, Coimbra, 1980

LLORET, Sonia Gutiérrez, Arqueología – Introducción a la historia material de las sociedades del pasado, Universidad de Alicante – Publicaciones, Alicante, 1997

PELLETIER, André (dir. de), L'archéologie et ses méthodes, Horvath, Roanne/Le Coteau, 1985

RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos, A Linguagem das Coisas – Ensaios e Crónicas de Arqueologia, Publicações Europa-América, Lisboa, 1996

RENFREW, Colin e BAHN, Paul, Archaeology: Theories, Methods and Practice, Thames and Hudson, Londres e Nova Iorque, 1996

SCHNAPP, Alain (dir. de), L'archéologie aujourd'hui, Hachette, Paris, 1980

TRIGGER, Bruce, A History Of Archaeological Thought, Cambridge University Press, Nova Iorque, 1989